

DIA DA INDEPENDÊNCIA

Um desfile para celebrar os gaúchos

Com a reconstrução do Rio Grande do Sul como um dos três eixos temáticos, estudantes desfilaram no 7 de Setembro de Brasília usando roupas típicas do estado do Sul

» HENRIQUE LESSA
» RAPHAEL PATI

Com o tema *Democracia e Independência — É o Brasil no rumo certo*, o desfile do 7 de Setembro, em Brasília, ontem, foi guiado por três eixos temáticos, a presidência do Brasil no G20, o retorno da vacinação e a reconstrução do Rio Grande do Sul — afetado pelas enchentes em abril e maio deste ano. Com a bandeira do estado do Sul quase tão presente quanto o pavilhão nacional, alguns gaúchos fizeram questão de vir a Brasília para agradecer ao apoio do resto do Brasil durante a crise no estado.

Foi o caso da empresária Glória Conceição, 54 anos, que viajou com a família por 48 horas, chegando de carro de Passo Fundo, no interior do Rio Grande do Sul, chegando na Capital do país poucas horas antes do início do desfile. Glória ainda contou ao **Correio**, que quase não chegou a tempo do desfile por uma pane mecânica no carro que deixou a família por mais de 10 horas aguardando o reparo ao cruzar o Paraná.

Mesmo reconhecendo o cansaço pelo trajeto percorrido, não deixou de vibrar com cada companhia que passava no desfile cívico-militar de Brasília e disse que não poderia deixar de prestar a homenagem aos homens e mulheres que ajudaram tanto ao seu estado. “A gente tinha de agradecer ao pessoal que tanto nos ajudou. É por isso que a gente tinha de estar aqui hoje”, disse Graça.

Além dos moradores do estado do Sul que cruzaram mais de 2 mil quilômetros para chegar à capital, também prestigiaram o desfile o ministro da Reconstrução do RS, Paulo Pimenta; o governador Eduardo Leite (PSDB); e o presidente da Federação dos Municípios do Rio Grande do Sul, Marcelo Arruda (PRD), prefeito da cidade de Barra do Rio Azul (RS), uma das localidades castigadas pelas enchentes deste ano.

Com a bandeira do estado, carregada por estudantes em trajes típicos, sempre à frente das

Henrique Lessa/C.B./D.A.Press



Bandeiras do Rio Grande do Sul exibidas pelo público durante o desfile: uma das marcas da celebração

demais das outras unidades da Federação, o 7 de Setembro em Brasília lembrou a comemoração do 20 de setembro no Rio Grande do Sul, quando é celebrado o dia do gaúcho, feriado em que acontecem desfiles cívicos no estado.

Em pouco mais de uma hora e meia de duração do desfile, pode-se ver também os veículos utilizados para o resgate das vítimas no estado gaúcho, com carros do Corpo de Bombeiros da Defesa Civil e das polícias Civil e Militar, do RS e do Distrito Federal. As Forças Armadas, além das tropas e meios de combate, também fizeram questão de apresentar equipamentos empregados no resgate às vítimas da tragédia no Sul.

G20 e Zé Gotinha

Além da homenagem aos gaúchos, outro tema do desfile foi a presidência rotativa do G20. É a primeira vez que o Brasil preside o grupo formado pelas 19 maiores economias do mundo, além da União Europeia e União Africana. Estudantes do Centro de Ensino Fundamental (CEF) 1 do

Guará carregaram as 21 bandeiras que representam os países e blocos regionais que formam o grupo. O encontro dos líderes das nações que integram o grupo será realizado no Rio de Janeiro em 18 e 19 de novembro.

Sob fortes aplausos, o personagem “Zé Gotinha” — símbolo da campanha de vacinação pelo Sistema Único de Saúde (SUS) — saudou o público em um carro aberto do Corpo de Bombeiros do DF. O personagem fechou a parte civil do desfile simbolizando o terceiro eixo temático do evento que enfatizou a retomada pelo governo federal das campanhas de vacinação e a ampliação dos serviços de atendimento público em saúde, com o programa Mais Médicos.

Atletas olímpicos

A programação ainda contou com homenagens aos atletas olímpicos brasileiros na última edição dos Jogos Olímpicos de Paris 2024. Os esportistas desfilaram com o uniforme do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e

quem levou à frente o grupo foi o brasiliense Caio Bonfim, medalhista de prata no atletismo, na modalidade de marcha atlética. O esportista, de 33 anos, é natural de Sobradinho e sargento da Força Aérea.

Além de Bonfim, participou do desfile a medalhista de ouro no judô, Bia Souza, que é sargento do Exército. No total, o país conquistou 3 ouros, 7 pratas e 10 bronzes em Paris. Todos que desfilaram integram o programa Bolsa Atleta, do governo federal, e o programa Atletas de Alto Rendimento do Ministério da Defesa, que busca a promoção de atletas militares nas competições esportivas.

O desfile mobilizou quase 9 mil pessoas, entre militares, estudantes e atletas. Contou com 4 mil pessoas desfilando a pé, além de 133 veículos e tropas de cavalaria. Entre militares da Marinha, Exército e Aeronáutica, além das forças de segurança pública. No total, foram convocados mais de 5 mil servidores para participar diretamente do evento.

Bolsonaro comanda protesto na Paulista

» CAMILA CURADO

O 7 de Setembro na Avenida Paulista, em São Paulo, reuniu bolsonaristas em “ato pela liberdade e pela democracia” como divulgado pelas redes sociais do ex-presidente Jair Bolsonaro desde 29 de agosto. Apesar do tema, os discursos foram dominados pelos pedidos de anistia aos presos pelos atos antidemocráticos de 8 de janeiro de 2023 e de “Fora Moraes”, com ataques ao ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes.

Encabeçado pelo pastor protestante neopentecostal milionário Silas Malafaia e apoiado por outros partidos de direita, a manifestação na capital paulista começou iniciaram por volta das 14h, mas a concentração teve início pela manhã e chegou a ocupar dois quarteirões da Avenida Paulista até o início do discurso do ex-presidente Jair Bolsonaro. Ele esteve em cima do palanque durante todo o tempo, apoiando as falas de diversos políticos que passaram por ali, como as do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, (Republicanos), e de deputadas como Gustavo Gayer (PL-GO) e Nikolas Ferreira (PL-MG).

Enquanto Tarcísio evitou nomear o ministro do STF, os demais não só o mencionaram, mas proferiram ofensas como “covarde” e “ditador”. “O juiz mais tirânico do mundo se chama Alexandre de Moraes. Um criminoso

Nelson Almeida/AFP



Bolsonaro criticou Moraes, a quem chamou de “ditador”

que usa dos seus poderes a qualquer preço para silenciar e impedir que nós saibamos a verdade”, atacou Nikolas Ferreira. Em contraponto, o deputado elogiou Musk, dizendo que o bilionário “não é um homem de preço, mas um homem de valor”.

O pastor Silas Malafaia, último a falar antes de Bolsonaro, mandou um recado aos ministros do Supremo: “Os senhores estão jogando na lata do lixo a reputação da mais alta Corte. O STF não é uma confraria de amigos para proteger criminoso”. Na vez do ex-presidente, a retórica

se manteve: “Eu espero que o Senado bote um freio em Alexandre de Moraes, esse ditador que faz mais mal ao Brasil do que o próprio Lula”.

Até as 16h40, Bolsonaro expressou indignação quanto a sua ineligibilidade, que chamou de “armação” e provocou “em breve essa situação vai ser mudada, porque é o povo brasileiro que deve fazer suas escolhas no Brasil”. Assim como os demais, ele pediu anistia aos presos pelos atos antidemocráticos de 8 de janeiro de 2023, condenados por depredaram o patrimônio

público dos prédios dos Três Poderes em Brasília. “Deus quis que eu me ausentasse no dia 30 de dezembro de 2022. Algo ia acontecer. Eu tinha esse pressentimento, mas não sabia que seria aquilo”, falou, seguindo o tom religioso dos discursos.

Marçal barrado

Diversos outros bolsonaristas marcaram presença na Avenida Paulista, como os senadores Marcos Pontes (PL), Magno Malta (PL-ES), Cleitinho (Republicanos-MG), Eduardo Gomes (PL-TO), Marcos Rogério (PL-RO), e os deputados federais Eduardo Bolsonaro (PL-SP), Zé Trovão (PL-SC) e Sóstenes Cavalcante (PL-RJ), incluindo o prefeito de São Paulo e candidato à reeleição, Ricardo Nunes (MDB). Já o seu rival, o candidato Pablo Marçal (PRTB-SP), tentou subir no trio elétrico, mas acabou barrado. Malafaia justificou o impedimento por conta do horário. Segundo o pastor, Marçal chegou já no encerramento e por isso não pode participar.

Antes de ir à manifestação, pela manhã, Bolsonaro não se sentiu bem e chegou a ir ao Hospital Albert Einstein por conta de uma gripe, segundo fontes próximas ao ex-presidente. O incômodo não o impediu de ir ao ato para apoiar o impeachment de Moraes, que deve ser protocolado amanhã no Congresso.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br

Assédio na Esplanada expõe disputa de poder

A demissão do ministro dos Direitos Humanos, Sílvia Almeida, acusado de assediar sexualmente a ministra da Igualdade Racial, Anielle Franco, decisão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, não pôs um ponto final na crise envolvendo os principais atores do inédito escândalo na Esplanada. A ministra, por motivos óbvios, não revela os detalhes do que aconteceu, enquanto o ex-ministro se diz inocente e divulga diálogos entre ambos que deixam um ponto de interrogação, em razão do nível de intimidade pessoal e cumplicidade política que havia entre ambos.

Entretanto, pesam contra o ministro outros depoimentos de supostas vítimas de assédio sexual. O mais contundente é o de Isabel Rodrigues, ex-aluna de Sílvia Almeida e candidata a vereadora da cidade de Santo André, na região metropolitana de São Paulo, pelo PSB. “Sentei do lado dele e não sei por qual motivo ele se achou no direito de invadir as minhas partes íntimas sem o meu consentimento”, disse, em vídeo publicado no seu Instagram.

O fato de a suposta vítima ser candidata nas eleições municipais pode ser um argumento para o ex-ministro desqualificá-la, assim como os textos de seus diálogos com Anielle dão margem a interpretações opostas, do tipo “não houve nada demais” ou “deu muita intimidade”, ambas machistas. Mas há depoimentos de outras testemunhas, mantidos em sigilo, que estão sendo reunidos na apuração do caso. Esse sigilo era justificado pelo foro privilegiado dos ministros e o desejo das vítimas dos assédios.

A politização do caso é inevitável em razão de envolver dois ministros de Estado. É aí que a situação se complica para o governo, porque o ministro tem direito à presunção de inocência e ao devido processo legal. Ao exercer o diretório de defesa, Sílvia Almeida nega a autoria dos fatos, como manda o figurino da teoria dos jogos. No famoso “dilema dos prisioneiros”, há o chamado “equilíbrio de Nash”. Cada jogador é incentivado individualmente a traír o próximo, mesmo após a promessa recíproca de colaboração. O dilema é colaborar ou não com o próximo, sem o traír.

Na medida em que os bastidores do caso estão sendo revelados, vê-se que o governo se enredou nessa estratégia para abafar o escândalo, que acabou revelado pela Me Too Brasil, uma organização de mulheres criadas exatamente para que isso não ocorra, com base em depoimentos de testemunhas que mantiveram o anonimato. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva agiu rápido ao demitir o ministro, mas não pôs um ponto final no escândalo.

Desde a escolha dos ministros, há um conflito de esferas de atuação e um sinal trocado. Teria mais sentido Sílvia Almeida ser escolhido para o Ministério da Igualdade Racial, porque esse é o foco de sua atuação como intelectual e militante político; Anielle Franco, para a pasta dos Direitos Humanos, uma vez que se notabilizou na luta pela apuração e punição dos responsáveis pela morte de sua irmã, a vereadora carioca Marielle Franco (PSOL), embora seja especialista em questões étnico-raciais e igualdade de gêneros. Houve uma disputa política mal resolvida nessa divisão de atribuições.

Sílvia Almeida terá muitos problemas pela frente em razão das denúncias: familiares, políticos, profissionais e acadêmicos. Esse é um daqueles casos de “faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”. Intelectual brilhante, autor do consagrado conceito de “racismo estrutural” brasileira, jogou pela janela o prestígio que conquistou devido ao comportamento pessoal.

Ao se defender, após fracassar o pacto de silêncio que aparentemente havia no Palácio do Planalto, o ex-ministro expõe as dificuldades de o governo manter sob controle a luta entre lideranças e organizações identitárias, ligadas ou não ao PT, pelo controle dos cargos, dos recursos e das políticas de direitos humanos. A primeira-dama Janja da Silva exerce controle sobre essas lideranças dentro do governo e teve um papel decisivo na demissão de Sílvia Almeida.

A esquerda herdou a bandeira dos direitos humanos da Igreja Católica, durante o regime militar, que se traduzia principalmente na luta contra assassinatos políticos e a tortura; na democracia, ganharam força as lutas contra os manicômios, a violência policial, a degradante situação dos presídios. Entretanto, no poder, priorizou os aspectos identitários e não conseguiu enfrentar a questão da violência em todas as suas dimensões, principalmente a da segurança pública, sempre contraposta pela esquerda aos direitos humanos.

O pensador italiano Nicolau Maquiavel estabeleceu uma diferença entre a moral cristã e as virtudes políticas. A virtude tem um significado muito diferente do significado moral de virtude. Não é a dos santos e mártires, está mais próxima do sentido grego de Aristóteles, que realça a competência técnica para a realização satisfatória de uma atividade.

A defesa dos direitos humanos, a luta contra o racismo e em defesa dos direitos das mulheres são bandeiras indispensáveis à liderança moral da sociedade, ainda mais quando as da segurança pública e contra a corrupção estão em mãos adversárias. A justa demissão de Sílvia Almeida não resolve esse problema. Consagra ainda mais a hegemonia identitária na política de direitos humanos.

Em tempo: Sílvia Almeida foi um dos “canceladores” do antropólogo baiano Antônio Risério, que questionou a centralidade do “identitarismo” na atuação da esquerda brasileira.

NA MEDIDA EM QUE OS BASTIDORES DO CASO ESTÃO SENDO REVELADOS, VÊ-SE QUE O GOVERNO SE ENREDOU NUMA ESTRATÉGIA PARA ABAFAR O ESCÂNDALO, REVELADO POR DENÚNCIAS ANÔNIMAS